

Concurso *Flashes Literários*

Gostas de fotografias e gravar memórias?

Consegues tirar uma foto espetacular?

Este concurso vai ligar a Literatura à fotografia!

Para isso, basta ler e escolher um dos 12 excertos selecionados, tirar a foto que melhor ilustra o teu excerto, escrever um título criativo e preencher a ficha de inscrição!

Para saberes mais, lê o seguinte Regulamento:



Regulamento

Concorrentes

Os concorrentes subdividem-se nas seguintes categorias:

- a) Categoria 1: 2.º Ciclo;
- b) Categoria 2: 3.º Ciclo;
- c) Categoria 3: Secundário.

Excertos literários

Os excertos literários foram selecionados pela equipa coordenadora da Biblioteca, tendo em conta a qualidade literária dos mesmos e o facto de estes descreverem localidades próximas do concelho de Barcelos.

Trabalhos

O trabalho fotográfico deverá incidir sobre o conteúdo do excerto selecionado pelo concorrente.

- a)** Cada concorrente poderá apresentar uma fotografia que incida sobre um dos excertos propostos;
- b)** A fotografia não pode ter qualquer texto inscrito na mesma (título da foto, nome do autor, ...) nem identificar pessoas (estas deverão ser apenas retratadas de perfil, de costas e ao longe);
- c)** Os concorrentes, ao enviar a fotografia, garantem que a mesma é da sua autoria e que não estão a infringir as regras dos direitos de autor;

- d) Os trabalhos copiados da Internet serão desclassificados;
- e) As fotografias devem ser enviadas com um dos seguintes formatos: jpg, jpeg, com uma resolução mínima de 300 dpi;
- f) As fotos vencedoras em cada categoria serão expostas.

Modalidade

A fotografia poderá ser clássica ou convencional, em formato digital (cor ou preto e branco). Assim, será aceite qualquer foto obtida, quer por processos analógicos, **quer por processos digitais, que não tenha sofrido intervenção ao nível do seu conteúdo formal suscetível de modificar a imagem original de tal forma que lhe confira uma nova leitura/interpretação.**

Nota: Não é considerada manipulação qualquer correção de contraste, saturação, balanço de cor ou outra destinada a melhorar a qualidade técnica da imagem através de um laboratório fotográfico convencional ou através de *software* de tratamento de imagem, desde que não implique modificação do conteúdo formal da imagem original.

7 – Inscrição

Considera-se inscrito o concorrente que envie a fotografia, juntamente com a “ficha de inscrição”, devidamente preenchida, até ao dia **14 de fevereiro de 2025**, para o correio eletrónico: emiliasilva@aevt.pt

Exclusão

As fotografias serão excluídas do concurso, caso não cumpram o estipulado no presente regulamento.

Atribuições da Equipa Coordenadora

A equipa coordenadora convida os elementos do júri para participar nesta iniciativa, fornece informações adicionais aos participantes, disponibiliza os materiais necessários, codifica as fotografias antes de as enviar para os elementos do júri, garantindo, desta forma, o anonimato dos participantes e zela pelo bom funcionamento do presente concurso.

Júri

Do júri fazem parte **dois** elementos:

- a) uma professora de Português;
- b) uma professora de Português com experiência na área da Fotografia.

Ao júri reserva-se o direito de não atribuir qualquer um dos prémios, se considerar não haver trabalhos com qualidade suficiente para a sua atribuição.

Parâmetros de avaliação

A avaliação das fotografias traduzir-se-á numa escala de **0 a 10 pontos**, de acordo com os seguintes critérios:

- a) Adequação ao conteúdo do excerto literário escolhido;**
- b) Adequação do título (criatividade);**
- c) Qualidade técnica (exposição, luminosidade, contraste, equilíbrio de cor, focagem e outros);**
- d) Enquadramento/composição;**
- e) Criatividade na estruturação da imagem.**

Avaliação dos trabalhos apresentados

1.º momento de avaliação: apreciação por parte do Júri de todos os trabalhos enviados pelos concorrentes e seleção dos **10 melhores em cada uma das categorias / ciclos.**

2.º momento de avaliação: após a análise das 10 fotografias finalistas de cada categoria, os elementos de Júri procederão à seleção da foto vencedora em cada ciclo.

Empate

Em caso de empate, caberá à equipa coordenadora o voto de qualidade.

A entrega de prémios está prevista, em princípio, para o final do ano letivo.

Atribuição de prémios e apresentação pública dos trabalhos

Serão atribuídos prémios ao melhor trabalho, em cada categoria: 2.º, 3.º ciclos e Secundário.

A entrega de prémios está prevista para o final do ano letivo.

Prémios

Os prémios são livros adquiridos pela Equipa coordenadora da Biblioteca.

Direitos de autor

A participação no presente concurso implica a cedência total dos direitos de autor, para a utilização pública dos trabalhos.

A identificação dos ficheiros enviados em suporte informático deverá respeitar as seguintes indicações:

- **Fotografia:** N^o - Excerto - Título - Nome do autor – categoria

Exemplo:

- 1 - Excerto 1 - Um Zumzum de Primavera - Adriano Pestana - C3

Excertos Literários

Para o Concurso “Flashes Literários”, a Biblioteca convida-te a seguir os percursos do viajante, da obra *Viagem a Portugal*, de José Saramago, nos excertos que se seguem:



Excerto 1

Ao viajante têm dito que **Guimarães** é o berço da nacionalidade.

Aprendeu isso na escola, ouviu-o nos discursos de vária comemoração, não lhe faltam portanto razões para encaminhar os seus primeiros passos ao outeiro sagrado onde está o castelo. Nesse tempo, os declives que levam até lá deviam estar livres de vegetação de porte para não terem embaraço as hostes nas suas surtidadas nem poderem esconder-se os inimigos pela calada. Hoje é um jardim de cuidadas áleas e arvoredos fartos, bom sítio para namorados em começo.

Excerto 2

Vila do Conde tem muito que se nos diga. Desde logo, é a única povoação, cidade seja, ou vila comum, ou aldeia, que tem no pelourinho um braço armado de espada, figuração de uma justiça que não precisa de que lhe vendem os olhos, porque os não tem. É só um braço, ligado a uma haste vertical, o fiel fixo da balança ausente. Onde o viajante se interroga é quanto ao dono daquele braço e quanto ao que corta a espada. Justiça será, mas enigmática. A igreja matriz tem um portal manuelino de primeira água, atribuído a João de Castilho. A torre sineira, maciça, é do século XVII. Avançada sobre o corpo da igreja, tanto a esconde e apaga como a sublinha e valoriza, é, ao mesmo tempo, excessiva e complementar.

Excerto 3

Da **Póvoa de Varzim** o viajante não tem mais acesa memória de que uma confusão de trânsito, um procurar de caminhos, os dolos na praia como elementos de construção de armar, e algures uma delirante casa forrada de azulejos e outras cerâmicas com todas as cores e formas do universo. E quando chegou a **Aver-o-Mar**, tão suave nome, tão de mirante olhar, terá sido sua a culpa porque escolheu mal a hora, mas na praia as moscas eram milhões, os restos de peixe, as tripas, os filamentos gelatinosos, e excrementos diversos. São pitorescas as «cubatas» de algas, as pedras que seguram a cobertura de palha como um colar de grossas pérolas irregulares, porém, estando vistas, não há mais que ver.

Excerto 4

De Rates vai o viajante a **Apúlia** onde o não esperam sargaceiros vestidos à romana, mas onde o mar, adiante, neste dia de macio sol, se não dá para molhar nele a pele, de frio que está sobeja para lavar os olhos. É desafogado o caminho para **Fão e Ofir**, e certamente nestes lugares haveria motivos para demora, porém o viajante tem andado por medievais terras, pesa-lhe este bulício turístico, o cartaz dos imobiliários, o anúncio do snack-bar (abominação que veio riscar dos costumes portugueses o saboroso vinhos e petiscos, que honradamente diz logo quanto vale), e, quando a **Esposende** passa, vê-se perdido nas largas avenidas costeiras, reflecte se lhe vale a pena, e torna a ter saudades, desta vez de montanhas e águas maneirinhas.

Excerto 5

A velha matriz de **Balugães**, do século XII, adulterada mas formosíssima, é pequena, meio enterrada. A porta está fechada, mas o viajante não faz qualquer tentativa para descobrir o guardador da chave. Só quer ali estar olhando as pedras antigas e tentando decifrar a inscrição avivada a preto que se vê sobre o arco da porta. É latim, e o viajante sabe, como pode, o português. (...) Na encruzilhada despede-se do homem que dá as respostas, e depois mete pela estrada de Viana do Castelo, para logo a seguir começar a subir a grande rampa que leva à Capela da Aparecida, que tem, evidentemente, uma história. É a história do vidente João Mudo, pastor a quem se revelou Nossa Senhora, em 1702, quando ia nos vinte anos. Era este pastor, segundo os dizeres de frei Agostinho de Santa Maria, absolutamente imbecil, nem se benzia nem sabia o padre-nosso, e o abade Custódio Ferreira trata-o de mentecapto, falto de entendimento e de língua. De todos os males o curou a visão.

Excerto 6

É manhã clara, mas o viajante ainda não se levantou. É de propósito que atrasa o momento em que abrirá as duas janelas do quarto. Faz demorar o gosto com que está contando desde que, noite fechada, chegou ao hotel. Talvez receie, também, uma decepção. A luz entra pelas frinchas, coada, e aqui se aperta o coração do viajante: «Estará nevoeiro?» Salta da cama, indignado contra a simples ideia da miserável desfeita que seria ver coberta de nevoeiro a paisagem de **Santa Luzia**, e num repente abre a primeira janela, a que dá para o mar, recebe no rosto e no corpo o ar frio da manhã, e fica iluminado de gosto e de pasmo diante do esplendor das águas, a costa brumosa, o encontro do rio e do oceano, o cordão de espuma das vagas que vêm do largo e se desfazem na praia. (...) em boa hora veio a **Viana do Castelo**, em boa hora chegou estando a noite fechada e resolveu subir ao monte de Santa Luzia para dormir.

Excerto 7

De todos os arcebispos construtores de **Braga**, este foi o que viu mais longe e mais alto. Além das obras que fez na Sé, e da Igreja de Nossa Senhora da Madalena, foi ele quem empreendeu a construção do Santuário do Bom Jesus do Monte, ali em Tenões, embora não tivesse o gosto de lançar a primeira pedra, pois a seu tempo morreu. (...)

Ao Bom Jesus e ao Sameiro vai-se por devoção e gosto. O viajante foi lá por gosto. É larga a paisagem, fresco o ar neste Novembro de muito sol, e se artisticamente as maravilhas não

são pródigas, há em tudo isto um sabor popular, um colorido de romaria que se pegou às estátuas, ao escadório, às capelas, e que justifica abundantemente a visita. O Bom Jesus ganha em beleza plástica à Senhora do Sameiro, nem há sequer comparação. Quanto a pontos de maior ou menor devoção, não são contas do rosário do viajante.

Excerto 8

Barcelos é tão airosa cidade que merece perdão por querer condenar o galego, mais ainda tendo criado o galo que a salvou de remorsos. Mas o viajante, que anda a visitar o Museu Arqueológico (é seu conhecido gosto este de pedras velhas), vai protestar contra outras sentenças igualmente injustas, como esta de identificar as peças aqui mostradas com azulejos incrustados nas próprias peças, no pior estilo de pinturice folclórica. (...) Para desafogar, vai à ponte a ver o rio, a que dera pouca atenção à chegada. É o Cávado aqui uma beleza, entre as margens altas, que as necessidades urbanas ainda assim respeitaram. Lá está a azenha que vista da outra margem humaniza a aridez da grande muralha superior, as ruínas do Paço dos Condes, a massa pesada mas harmoniosa da igreja matriz.

Excerto 9

Eram horas de almoçar. Meteu-se à descoberta, ia andando, espreitando e fungando, não faltavam os bons cheiros, mas ali havia com certeza predestinação, empurrão pelas costas, até ao lugar fadado: **Restaurante Arantes**. O viajante entrou, sentou-se, pediu a lista, encomendou: papas de sarrabulho, bacalhau assado com batatas, vinho verde. O vinho era dotado da maior virtude dos vinhos: nem resistia ao viajante, nem o viajante resistia a ele. Do honesto bacalhau, que veio na travessa com o seu exacto molho e as suas batatas exactas, diga-se que era excelente. Mas as papas de sarrabulho, oh senhores, as papas de sarrabulho, que há-de o viajante dizer das papas de sarrabulho senão que nunca outro melhor manjar comeu nem espera vir a comer, porque não é possível repetir a inventiva humana esta maravilhosa e rústica comida, esta macieza, esta substância, estes numerosos sabores combinados, todos vindos do porco e sublimados nesta malga quente que alimenta o corpo e consola a alma. Por todo o mais mundo que o viajante andar, cantará louvores das papas de sarrabulho que comeu no Arantes.

Excerto 10

Quem assim almoçou, deveria ficar para jantar. Mas o viajante, depois de outra volta por **Barcelos**, tem de continuar o seu caminho. Agora vai à igreja matriz, gótica, restaurada com bom critério, e, se no conjunto apreciou, ficaram-lhe os olhos naquela adorável Santa Rosália, reclinada no seu nicho, fresco como o nome que tem, e tão feminina que não lhe assenta bem a santidade. **Da Igreja do Terço**, que foi do antigo Convento das Beneditinas, aplaudiu o viajante os azulejos setecentistas, atribuídos a António de Oliveira Bernardes, que contam a vida de S. Bento, cuja se relata outra vez nos quarenta painéis do tecto, de rica molduração. E de requinte é o púlpito, lavrado como obra de prataria. Dourado, policromado, está aqui um dos não muitos casos em que o barroco argumenta e ganha. E esta igreja, veio a talhe dizê-lo, é também obra do infatigável arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Teles, aquele que se deixava medir aos palmos.

Excerto 11

Depois de Covide e até **São Bento de Porta Aberta**, a grande montanha à esquerda é uma espécie de paisagem lunar. E de repente, em transição tão brusca que o espírito se desorienta, surge a opulência da floresta, a mata do Gerês, as altas árvores que o viajante vai olhando enquanto desce para a barragem da Caniçada. A tarde recolhe-se, o anoitecer não tarda, as sombras são já estendidos rastros. Este canto da terra, o grande lago sereno, liso como um espelho polido, os montes altos que contêm a enorme massa de água dão ao viajante uma impressão de paz como até agora ainda não experimentara. E quando, depois de subir a estrada do outro lado e terminar a jornada, torna a olhar o mundo, acha que tem direito a isto, apenas porque é um ser humano, nada mais.

Excerto 12

O rio está no seu mesmo lugar, apertado entre as pedras de cá e as pedras de lá, entre **Porto e Gaia**, e o viajante nota como também entre pedras estes degraus foram abertos, como as casas foram aos poucos empurrando as penedias ou acomodando-se entre elas. Descem com o viajante regueiros de águas sujas, e, agora que a manhã se abriu por completo, vêm mulheres lavar aos tanques que estão nos patins, e as crianças jogam ao que podem. (...) Aqui em baixo é a Ribeira. O viajante passa sob o arco da Travessa dos Canastreiros, boa sombra para o Verão, mas agora gélida passagem, e durante meia manhã andarà por este Bairro do Barredo, a ver se aprende de vez o que são ruas húmidas e viscosas, cheiros de fossa, entradas negras de casas.